

# Deus está contigo. Deus está conosco. Até o pescoço.

 [horias.com.br/blog/reginaldo-moraes/deus-esta-contigo-deus-esta-conosco-ate-o-pescoco](http://horias.com.br/blog/reginaldo-moraes/deus-esta-contigo-deus-esta-conosco-ate-o-pescoco)

[Reginaldo Moraes](#)

qua, 12/10/2016 - 15:53

Muita coisa boa se escreveu e se escreve sobre as relações entre política e religião, não vou dizer nada de novo nos parágrafos abaixo. É apenas uma reflexão de uma espécie de observador-participante, fruto de insônia. Quanto mais olho para esse passado, mais me convenço de que há muito que fazer para recuperar algumas trincheiras que os progressistas perderam.

Esse recuerdo rápido é o seguinte.

Como se sabe, a Igreja católica já passava por uma transformação significativa desde os anos 1960, com João XXIII e o Concílio Vaticano II (1962), o encontro Episcopal de Medellín (1968), o crescimento das comunidades eclesiais de base e as pastorais populares, fenômeno de massa nos anos 1970. No Brasil, a abertura das igrejas na periferia das grandes cidades foi simplesmente decisiva para a reconstrução do movimento operário e popular. Algo similar ocorreu no campo. Não era importante apenas pela logística, essencial depois da ação destruidora da polícia política da ditadura. Era importante também porque essa rede operava como uma formidável sementeira de idéias, valores e quadros, motivados por uma visão genérica de generosidade, solidariedade e luta pela justiça social. Praticamente todos os grupos de esquerda entraram nesse campo – os que não foram, tornaram-se seitas cada vez mais “universitarizadas” e auto-contemplativas. Praticamente todos os movimentos populares relevantes surgiram e cresceram nesse campo.

Mas.... algo iria mudar. Muitas coisas que podemos creditar a alterações não pensadas, resultado das ações humanas mas não da decisão humana, para usar uma fórmula iluminista célebre. Algumas porém, foram bem pensadas e bem planejadas.

Em 1979, lembremos, subia ao Vaticano um tal de João Paulo II. E desencadeava uma terrível e contra-ofensiva conservadora. Se havia Thatcher e Reagan nos governos, havia o papa também. E aí assistimos a um verdadeiro desmanche das estruturas da igreja progressista. Não era apenas silêncio obsequioso imposto a escritores e padres. Era muito mais. Uma limpeza. Bom, saiu a igreja popular, a rede das CEBs, etc. E...?

Daí, nesse vácuo, algo se instala. A igreja reformada à direita demora para se recompor. Não havia ainda padres-pop suficientemente enraizados.

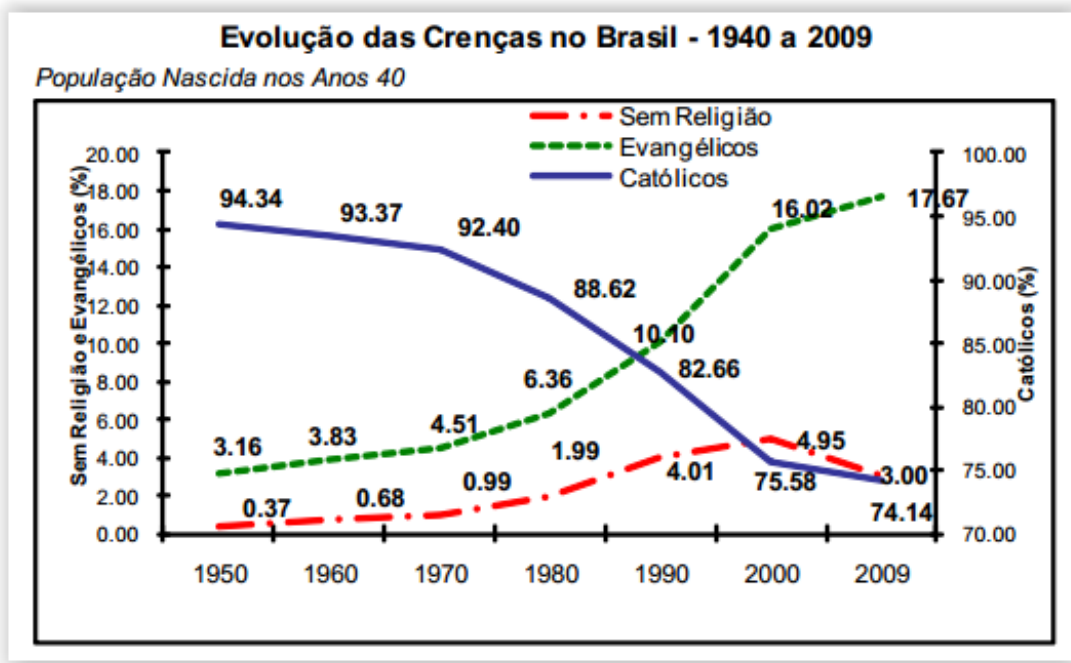
Mas se avanteja uma teologia da prosperidade para fazer frente à teologia da libertação. A opção preferencial pelos pobres dá lugar ao “investimento” na fé: Deus quer ser seu sócio, bote grana, ele devolve graças. Algumas igrejas pentecostais antigas crescem com essa reformulação, essa modernização – é o caso da Congregação Cristã do Brasil e Assembleias de Deus (fundadas no começo do século XX). Nasce outras, filhas típicas do vácuo e do terremoto das reformas neoliberais, do novo mundo de insegurança e incerteza promovido por tais reformas. Algumas delas são fundadas nessa ocasião, e se massificam. Vejamos algumas das mais típicas (e maiores):

A Igreja Universal do Reino de Deus, do Edir Macedo – fundada em 1977, expandiu-se rapidamente nos anos 1980, comprando a Rede Record de TV em 1989.

Igreja Internacional da Graça de Deus (pastor R.R. Soares – cunhado de Edir), fundada em 1980 e “vanguarda” na organização de sistemas de tele-evangelismo.

Igreja Mundial do Poder de Deus, Waldemiro Santiago (discípulo de Edir), fundada em 1998.

Bom, quando olhamos o **Mapa das Religiões (Centro de Políticas Sociais da FGV, p. 18)**, encontramos algo assim:



Mas o importante, na leitura dessas curvas, é identificar qual o tipo de protestante que cresce, sobretudo depois de 1980. Não é o das igrejas tradicionais, é o das novas denominações pentecostais. E o interessante, que outros estudos têm procurado mostrar, é a penetração dessas novas igrejas no meio popular, na famosa nova classe média ou classe C ascendente. E elas devem ser consideradas não apenas pelos números, em geral extraídos de censos. Mas há uma diferença importante entre o “católico” e o evangélico, uma diferença que o número do censo não revela. Praticamente não faz sentido falar em evangélico “praticante” como no caso dos católicos. Todos são bem praticantes, dedicados e proselitistas. Participativos.

Um dia teremos que pensar como se combinam essa mudança na matriz religiosa (que é também uma matriz de idéias, valores, comportamentos) e o enraizamento de ideologias individualistas, anti-coletivistas e refratários ao tal “espaço público” ou “governo”. Não parece irrelevante...

- Array
- [Blog de Reginaldo Moraes](#)

AddThis Sharing Buttons